

A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM COMÉDIA: DE QUE MESMO ELES ESTÃO RINDO?

Maria do Socorro Róseo Rebouças¹

Resumo: Para falar e entender bem uma língua estrangeira não basta apenas conhecer o idioma; há que se considerar as variações de pronúncia e de significado de palavras em decorrência de fatores como regionalismos ou expressões idiomáticas. Além disso, é necessário o conhecimento da cultura e do cotidiano das pessoas e, sobretudo, da denominada competência comunicativa. Este artigo aborda o tema, com base em estudos de diversos autores, especialmente, Celce-Murcia (2007), a respeito da competência comunicativa no aprendizado de uma língua estrangeira, e analisa, sob essa luz, o show stand up da comediantes americana Ellen DeGeneres, intitulado “Conhecendo Deus”. Nossa análise evidencia a necessidade de conhecimento sociocultural para poder acompanhar o raciocínio e entender o humor da artista.

Palavras-Chave: competência comunicativa; competência sociocultural; apresentação stand up.

Abstract: To fluently speak and understand a foreign language it is necessary to consider different accents, multiple meaning words, false cognates, regionalisms and idiomatic expressions. Moreover, it is necessary to know the culture and the daily life of the other country and, specially, the so-called communicative competence. This article addresses this issue and analyzes, from the aforementioned point of view, the stand-up show of the US comedian Ellen DeGeneres, entitled "Knowing God". Our analysis demonstrates how the social-cultural knowledge of the other country is necessary to fully understand the comedian's show and, therefore, to fluently communicate in a foreign language.

Keywords: Communicative competence; sociocultural competence; stand up comedy.

Introdução

As línguas se transformam com o tempo, seja porque as pessoas mudam a forma de falar, seja pelo aparecimento de novas palavras ou de novos significados para palavras já existentes. A construção do sentido de um enunciado, entretanto, envolve mais do que conhecimentos estritamente linguísticos. Há questões relacionadas a variações de pronúncia e de significado de palavras trazidos, entre outros, por regionalismos ou expressões idiomáticas. A bagagem cultural e histórica de uma comunidade é, em grande parte das vezes, essencial para a construção de sentido de um ato de fala. Não raro, há ruídos de compreensão entre interlocutores pois falta a um deles conhecimentos não linguísticos para pleno entendimento.

Quando nos damos conta de questões extralinguísticas necessárias para a compreensão mútua entre interlocutores falantes nativos de determinada língua, novos desafios se

¹ Bacharelada do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

apresentam para o aprendizado de uma língua estrangeira (LE): não deve bastar ao aprendiz de LE o acúmulo de conhecimentos meramente linguísticos se seu objetivo é a plena interação com outros falantes desta LE. Wolfson (1989) lista inúmeras situações de desentendimentos entre falantes do inglês (nativos e não nativos) devido à questões extralinguísticas, o que Thomas (1981) se refere como ‘falhas pragmáticas’.

Neste artigo discutimos a importância de competências não linguísticas para a construção de sentido de um texto humorístico apresentado pela comediante Ellen DeGeneres à luz do modelo de Competência Comunicativa proposto por Celce-Murcia (2007). Nosso pequeno corpus de análise é um trecho de uma apresentação do tipo *standup*, modalidade de show humorístico no qual o artista se apresenta só, de pé, diante da plateia, sem apoio de cenário, figurino ou outros recursos teatrais.

Competência comunicativa

Durante muito tempo, saber uma língua estrangeira era conhecer a sua gramática. Os antigos livros didáticos adotavam este conceito e acreditava-se que se um indivíduo soubesse as regras gramaticais, saberia a língua estrangeira. Em 1972, Hymes introduziu um dos conceitos mais importantes para os métodos comunicativos: a competência comunicativa (CC), em resposta às teorias do linguista Noam Chomsky (1957, 1965), para quem os fatores sociais estariam fora do domínio da linguística (competência linguística).

Para Hymes (1972), além da competência linguística – que envolve questões sintáticas, semânticas e morfológicas -, o falante competente também precisaria ter noções de competência sociolinguística (as regras para usar a linguagem adequada em um contexto) necessárias para explicar a aquisição e uso da linguagem. Assim, para este teórico, a estrutura da linguagem e sua aquisição não estavam imunes ao contexto, enquanto Chomsky (1965) afirmava que a linguagem inata era o mecanismo suficiente para explicar a aquisição da linguagem em primeiro lugar.

Entre os principais estudiosos a desenvolver e elaborar um modelo de competência comunicativa aplicado ao ensino e aprendizagem de LE estão Canale e Swain (1980), que adicionaram as competências estratégica, linguística, e sociolinguística à proposta de Hymes (1972) na elaboração de seu próprio modelo de CC. No entanto, os autores se referiam ao que Hymes (1972) denominava competência linguística como competência gramatical.

Em meados dos anos noventa, Celce-Murcia et al. (1995) propuseram que a competência acional (referente à pragmática) também deveria fazer parte da competência comunicativa, incluindo duas alterações na terminologia do modelo de Canale e Swain: a competência sociolinguística foi modificada para competência sociocultural (o conhecimento cultural necessário para interpretar e utilizar uma língua de forma eficaz); e a “competência gramatical” voltou a ser denominada “competência linguística” para evitar uma relação exclusiva com a sintaxe que o termo ‘gramatical’ sugere.

Revisando o modelo de 1995, Celce-Murcia (2007) apresenta uma nova proposta de CC contendo seis competências das quais, defende a autora, um falante nativo possui pleno domínio e que, portanto, o aprendiz de LE deve buscar atingir em seu esforço de aprendizado. Não é nosso objetivo aprofundar a análise e descrição de todos os componentes do modelo de CC da autora neste artigo. Para nosso estudo, basta a compreensão do que a autora chama de competências formulaica, discursiva e sociocultural.

A competência formulaica foi apresentada no modelo de Celce-Murcia et al (1985) como parte da competência linguística. Entretanto, uma reflexão mais apurada levou a teórica a desmembrá-la, para enfatizar a importância e a frequência dos chamados *chunks of language* – expressões ou grupos de palavras que possuem uma identidade e significados característicos, que impede que os interpretemos simplesmente como um somatório do significado de cada um de seus termos. Entram nessa categoria as expressões idiomáticas, os ditados, os truísmos de uma língua, por exemplo. Mas também são expressões formulaicas aquelas denominadas colocações (‘estatisticamente insignificante’, ‘mutuamente benéfico’) agrupamentos (‘garfo e faca’, ‘sal e pimenta’), e formas fixas (‘de uma hora para a outra’). A presença de fórmulas na língua é muito mais expressiva do que se supõe. Wolfson (1983) cita estudos que mostram que o elogio em inglês americano ocorre com as mesmas três estruturas em 85% das situações normais de fala, em análise de um corpus com 686 exemplos.

A competência discursiva “refere-se à seleção, sequência e ordenamento de palavras, estruturas e enunciados para atingir o objetivo de uma mensagem falada ou escrita” (ALMEIDA, 2011, p. 153). Também com uma significativa interface com a competência linguística, a competência discursiva, entretanto, possui particularidades em relação ao meio através do qual a mensagem está sendo veiculada: as estratégias de coesão, coerência, dêixis, por exemplo, diferem se o texto é falado ou escrito, se é uma narrativa, um bate-papo informal, um discurso, um sermão, uma homenagem, etc.

Finalmente a competência sociocultural – fruto da indagação primeira de Dell Hymes (1972) – refere-se a regras socioculturais, históricas, políticas, geográficas etc. de cada comunidade de falantes. Em última análise, o conhecimento sociocultural refere-se a tudo o que acumulado durante os anos em que vivemos em determinada cultura. Aprendemos quais são os personagens reais ou fictícios relevantes para a comunidade; aprendemos quais são os momentos históricos mais importantes; as figuras políticas de maior relevo; a maneira como a sociedade lida com seus ídolos, seus idosos, suas crianças; por fim, o *modus vivendi* da nossa comunidade. Somente com tal conhecimento podemos construir sentido de enunciados que fazem menção à determinada figura política, histórica, artística ou fictícia, por exemplo. O mesmo se pode dizer quando lemos algo que se refere à uma data histórica relevante. A título de ilustração, podemos pensar que no Brasil a mera menção a ‘sete de setembro’ traz um sentido próprio para o falante nativo, sentido esse que não é evocado para o falante não-nativo, se ele não possuir o conhecimento do que ocorreu nesta data no ano 1822.

Análise

Passamos agora a analisar como as competências comunicativas aqui detalhadas são necessárias para a construção de sentido da narrativa em um show do tipo *stand up*. Para tanto, foram extraídos trechos do show da comedianta norte-americana Ellen DeGeneres, intitulado “Conhecendo Deus”.

Primeiramente, vale esclarecer que *stand up comedy* é a denominação, em inglês, para um show humorístico desempenhado por um único comediantes. Neste tipo de espetáculo, o humorista apresenta-se em pé (daí o termo *stand up*), sem qualquer recurso adicional em termos de cenário ou caracterização de personagem. Neste tipo de apresentação, o humorista não conta anedotas conhecidas do público, o conteúdo de sua fala é, geralmente, uma sátira do cotidiano das pessoas.

O estilo é considerado um dos gêneros mais difíceis de ser executado, uma vez que o humorista conta apenas com o texto e com sua capacidade de expressão, utilizando-se de entonações, expressões faciais, pausas e outras habilidades necessárias para retirar boas gargalhadas da plateia.

O objetivo final de nossa análise é o de demonstrar que sem o domínio de certas competências - além da linguística -, o público não teria como entender os chistes e falas às

vezes sarcásticas, às vezes cínicas da apresentadora. Como a plateia é composta, basicamente, por pessoas que partilham o mesmo arcabouço de competências da comediante, ela consegue alcançar seu objetivo. Mas certamente pessoas de outra cultura, como os alunos de língua estrangeira, mesmo com um domínio pleno da sintaxe, semântica, fonética e morfologia da língua inglesa, não conseguiriam entender as piadas se não possuísem, também, outras competências de fundamental importância para a compreensão da mensagem.

Assim, transcrevemos, a seguir, algumas partes do show de Ellen DeGeneres, e, em seguida a cada trecho, tentaremos identificar as competências necessárias para plena construção do sentido.

Vejamos o primeiro extrato da apresentação:

...what a day that was! ...I will tell you something: this was magical for me!...because I was invited to God's house, one afternoon, for a fondue and shibly...Normally, I don't like shibly, but it was nice it was dry with a peppery oak aftertaste...I'm getting ahead of myself...anyway...so..., I get up to God's house as I was pulling off, Jennifer Love Hewitt was just leaving...she is sweet!...so, anyway,...

Neste trecho identificamos a competência formulaica, na expressão: *I'm getting ahead of myself...*, uma expressão idiomática que não pode ser tomada em seu sentido literal, e que poderia ser entendida pelo aluno de língua estrangeira como: “já estou mudando de assunto...”. Entretanto, o humor do trecho está na menção à Jennifer Love Hewitt. Essa atriz estreou, com grande sucesso na televisão americana, o programa *Ghost Whisper*, como Melinda Gordon, uma jovem que podia se comunicar com os mortos. O conhecimento a respeito do trabalho da atriz é essencial para se entender porque a comediante a escolheu, dentre tantas outras atrizes de Hollywood, para estar saindo de um encontro com Deus. Este é o primeiro exemplo da necessidade de competência sociocultural para percepção plena da mensagem da comediante. Outra competência verificada neste trecho e nos seguintes é a competência discursiva, com o uso de expressões como: *anyway* ou *so*, recursos de ligação de orações típicos do discurso oral.

Em outro trecho da apresentação destacamos:

..and ...uh... so...anyway... so I'm looking around the room...and in front of me there's a coffee table with two magazines on it, "Teen People" and "Guns & Ammo" (...) and pictures of Jesus everywhere... I mean...you can't believe how many pictures of Jesus there were...just picture of Jesus on a pony with cowboy hat,...ah... picture of Jesus on a beach with a t-shirt that said: "my parents created the universe and all I got was this lousy t-shirt"...

Mais uma vez, identifica-se a necessidade de competência sociocultural para construção de sentido quando Ellen se refere às revistas de grande circulação nos Estados Unidos, como a “Teen People” e a “Guns & Ammo”. A primeira revista, dedicada ao público jovem, trata de assuntos triviais, como música, moda e cinema; a segunda, direcionada ao mundo bélico, traz as últimas novidades em se tratando de armas. Somente quem conhece a oposição de temas das duas revistas entenderia a ironia de estarem – juntas – na mesa da sala da casa de Deus.

Nota-se ainda, neste trecho, o destaque dado à maneira como Deus decorou a casa, repleta de fotografias de Jesus. DeGeneres menciona, particularmente, uma fotografia de Jesus em um pônei com chapéu de *cowboy* e outra na qual ele veste uma camiseta com os dizeres *My parents created the universe and all I got was this lousy t-shirt*. A anedota contida em ambas citações somente foi recebida com gargalhadas pela plateia porque os presentes conheciam e partilhavam o costume estadunidense descrito pela comediante. Trata-se de hábito comum da classe média americana decorar as salas de suas casas com fotos dos filhos, e tanto a foto dos pequenos vestidos de *cowboy* quanto a tradição de camisetas com dizeres semelhantes aos descritos evocaram sentimentos comuns na plateia, apenas por partilharem o conhecimento sociocultural pertinente².

Outro trecho do show que merece destaque é o seguinte:

...a couple of minutes later, God walks in the room carrying a tray of fondue and shibly...I would say she was about forty seven or forty eight years old... just a beautiful, beautiful black woman ... and we just immediately hug, and...oh...she smelled so good!... she said it was Calvin Klein's Obsession...

Nesta parte do show há a maior resposta do público, com longos segundos de aplausos. Essa reação se dá por dois motivos: primeiramente, pela quebra do paradigma universal - uma vez que Deus é apresentado como mulher, jovem, negra e linda; o segundo fator que explica a reação extrema do público só pode ser compreendida se partilharmos conhecimento sociocultural a respeito da comediante, homossexual assumida, respeitada por sua fama e coragem, e muitas vezes tida como modelo para os gays e aqueles que lutam contra o preconceito. Portanto, DeGeneres dizer que Deus é mulher tem uma significação especial. A comediante foi supostamente a primeira mulher a assumir a homossexualidade em

² O fato de no Brasil partilharmos os mesmos elementos faz com que compreendamos a intenção da comediante. Entretanto, seria ingênuo supor que todas as culturas partilham os mesmos hábitos.

cadeia nacional de televisão, quando desfrutava de uma enorme popularidade por estrear um programa semanal.

Cumprе mencionar, ainda, a alusão ao perfume *Obsession* do estilista Calvin Klein. Além do conhecimento a respeito do estilista, o chiste brinca também com o nome do perfume escolhido por Deus.

Mais adiante a comediantе prossegue com o seguinte texto:

...nobody cares about the miracles anymore, the miracles just go by unnoticed, ... I said 'What was the last miracle?' And she cried, she was upset that I had to ask and she said: the toilet that flushes automatically ...yep...uh...yep...and before it was George Foreman's Grill...

Aqui temos a referência explícita a dois campeões de venda nos Estados Unidos: a descarga automática e o forno George Foreman - produtos de grande aceitação pela sociedade dos Estados Unidos. O humor reside no fato da comediantе se referir aos dois produtos como sendo um milagre divino – evidenciando que ela também os considera bons. Entretanto, exige-se do interlocutor o conhecimento a respeito dos produtos mencionados – mais uma vez, a necessidade de conhecimento sociocultural para plena construção de sentido.

Destaca-se, ainda, o seguinte trecho:

...I said God, ... I have to admit that I really felt alone a lot...I felt like you didn't exist, I didn't believe in you for a time...and she said: You remember that day when you were walking on the beach...(pausa)...I said: yeah...she said: I was there...I said: there was just one set of footprints though...she said: I was on your back...(longa pausa)...I thought I felt heavy that day...I thought that was a water retention.....

Neste trecho há referência ao poema 'Pegadas na areia', de autoria atribuída³ à Mary Stevenson. No poema, a autora retrata um sonho que teve em que, caminhando sozinha pela praia, viu no céu, cenas de sua vida. Para cada cena, percebia pegadas na areia, uma dela, outra de Jesus. Entretanto, a personagem percebe que nos momentos mais difíceis de sua vida, havia apenas um par de pegadas. Aborrecida, perguntou a Jesus porque nas horas em que mais necessitou de ajuda, ele a teria abandonado. Então, Jesus lhe responde que jamais a abandonou, e que quando ela via apenas um par de pegadas na areia, era porque ele a carregava nos braços. A competência sociocultural é necessária, pois somente quem conhece

³ Embora a autoria do poema seja disputada por muitos, de acordo com o link <http://www.footprintsinthesand.com/index.php?page=Poem/Poem.php>, a autora original do poema é Mary Stevenson.

este poema poderia entender a comparação que a humorista fez ao dizer que quando viu apenas uma pegada na areia: Deus, em vez de segurá-la nos braços, estava sobre suas costas, o que para ela, explicava o “peso” que sentiu naqueles dias.

Por fim, no final da apresentação, mais uma exigência da competência sociocultural para a construção de sentido:

...I was leaving... I was walking out the door and I turned around and said: God, I have to say I'm sorry, I am so sorry that we're killing the animals, I'm so sorry that we are chopping all the trees that we're filled with hate instead of love, I'm sorry that we call each other names and judge each other, I'm sorry that we go to the war and kill each other...I'm sorry...and she was silent for a few seconds, and then she looked at me and she said: 'Have you've seen Gloria Estefan's hair lately?'

Aqui, mais vez, a necessidade de competência sociocultural se mostra quando Deus refere-se à Gloria Estefan, cantora cubana, sucesso pop nos Estados Unidos. É o conhecimento a respeito desta personagem da cultura americana que faz a platéia entender a frivolidade que a humorista imputa a Deus, mais preocupada com o corte de cabelo de uma artista, do que com todas as agruras pelas quais passam o planeta e a humanidade.

Conclusão

Em toda a fala de Ellen DeGeneres a competência sociocultural foi exigida da plateia em grande escala. Parte da tradição do humor do tipo *stand up*, é fazer piadas com personagens e referências culturais de um povo, por isso é tão frequente o uso da competência sociocultural para a construção de sentidos neste tipo de show.

Tal nível de interação - representado pelo riso das pessoas – é a prova do sucesso na compreensão da mensagem transmitida no caso de um show de humor e advém do fato da platéia se sentir retratada na fala da comediantes, e de se identificar em muitas das situações trazidas a sua memória, com o uso de um único instrumento por parte da humorista: sua fala.

Como alegamos no início do artigo, não basta saber a gramática, o vocabulário, e as combinações das palavras para ser um falante competente em uma segunda língua. É preciso a aproximação com a cultura, com o cotidiano, com os hábitos da sociedade-alvo - incluindo o domínio do gestual, das gírias e das expressões idiomáticas da língua que se pretende adquirir. Sem a devida competência comunicativa, o falante de língua estrangeira vê limitadas suas possibilidades de interação com falantes nativos.

Referências

ALMEIDA, V. P. *Conhecendo as regras do jogo: A competência comunicativa e os manuais didáticos de ensino de inglês como língua estrangeira*. Tese de doutoramento. Brasília: UnB, 2011.

CANALE, M.; SWAIN M. Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing. *Applied Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 1-47, 1980.

CELCE-MURCIA, M. Rethinking the Role of Communicative Competence. In SOLER, E. A.; JORDÀ, M. P. S. *Intercultural Language Use and Language Learning*. Kindle ed. [S.l.]: Springer, 2007. P. 536-706.

CELCE-MURCIA, M. *et al.* Communicative Competence: A Pedagogically Motivated Model with Contents Specifications. *Issues in Applied Linguistics*, v. 6, n. 2, p.5-35, 1995.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MIT Press, 1965.

DeGENERES, E. *Meeting God*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=q4yI7uuEUcY>>. Acesso em 25/11/2011.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES J. (eds). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Penguin, Harmondsworth, 1972. p. 269-293.

THOMAS, J. *Pragmatic Failure*. Dissertação de Mestrado não publicada. Lancaster, 1981.

WOLFSON, N. Rules of Speaking. In: RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. W. *Language and Communication*. New York: Longman, 1983. p. 61-87.

_____. *Perspectives: Sociolinguistics and TESOL*. Boston: Heinle e Heinle Publishers, 1989.